

**JOSÉ MANUEL FERNANDES  
MARIA DE LURDES JANEIRO**

ISSN 087-4428



**ARQUITECTURA  
VERNÁCULA  
DA REGIÃO SALOIA**

**ENQUADRAMENTO  
NA ÁREA  
ATLÂNTICA**

**IDENTIDADE**

CULTURA PORTUGUESA

**INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA**

IDENTIDADE  
SÉRIE CULTURA PORTUGUESA

**ARQUITECTURA  
VERNÁCULA  
DA REGIÃO SALOIA**

**ENQUADRAMENTO  
NA ÁREA  
ATLÂNTICA**

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA

JOSÉ MANUEL FERNANDES  
MARIA DE LURDES JANEIRO  
(ARQUITECTOS)

**ARQUITECTURA  
VERNÁCULA  
DA REGIÃO SALOIA**

**ENQUADRAMENTO  
NA ÁREA  
ATLÂNTICA**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
1991

FERNANDES, José Manuel

Arquitectura Vernácula da Região Saloia: enquadramento na área atlântica/José Manuel Fernandes e Maria de Lurdes Janeiro (Arquitectos). — Lisboa: Ministério da Educação. Instituto da Cultura e Língua Portuguesa, 1990. — p.: il; 24 cm. — (Identidade: cultura Portuguesa).

Arquitectura — Cultura — Estudos locais — Etnologia — Geografia — História — Portugal.

*Título:*

ARQUITECTURA VERNÁCULA DA REGIÃO SALOIA — ENQUADRAMENTO NA ÁREA ATLÂNTICA

1.ª edição — 1991

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

© *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*

*Divisão de Publicações*

Praça do Príncipe Real, 14, 1.º — 1200 LISBOA

Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados para todos os países

A reprodução das imagens relativas aos Açores foi amavelmente autorizada pela Associação dos Arquitectos Portugueses. Estas imagens fazem parte do levantamento da arquitectura popular do arquipélago, na realização do qual participaram os autores do presente estudo, integrados nas respectivas equipas (constituídas pelos arquitectos Ana Tostões, Filipe Jorge Silva, João Vieira Caldas, Nuno Barcelos e Victor Mestre, além dos autores do presente trabalho).

*Tiragem:*

3000 exemplares

*Capa:*

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, segundo ideia dos autores do livro.

*Composição, montagem, impressão e acabamento:*

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA, E. P.

Rua da Escola Politécnica — 1200 LISBOA

Depósito legal n.º 36 805/90

ISSN — 087-4428

TEXTO ESCRITO INICIALMENTE PARA O  
*I COLÓQUIO DE ETNOGRAFIA DA REGIÃO SALOIA,*  
REALIZADO PELO INSTITUTO DE SINTRA  
E PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA EM 1987,  
SOB A ÉGIDE DO DR. CARDIM RIBEIRO,  
QUE AMAVELMENTE AUTORIZOU A PRESENTE PUBLICAÇÃO

## (PREFÁCIO)

### SALISBOIA/LISSABOIA

*Lisboa é a capital dos Portugueses, aí se encontram todas as ambições, sonhos e tragédias, passaporte para o mundo e para o regresso à terra, de cada um.*

*Lisboa é a cidade, polis e metropolis de uma nação que aí se identifica. Lisboa tem, antes que tudo, portugueses na sua população, só depois vêm os lisboetas e, já no núcleo, aparecem os alfacinhas. Assim, o verdadeiro aro de Lisboa — os seus eidos, bouças, defesas, aduas e matos — são o País e até mais que o País, a Nação.*

*E, no entanto, Lisboa também tem o seu campo, inclusive portas adentro, mas ele «resiste» sobretudo naquilo que de ainda semi-rural (exclusivamente rural já não há nada) resta no que foi o seu termo: prédefinido pelos romanos, marcado de maneira muito forte pelos muçulmanos — que aí demarcaram o seu Sahara «lixbuneta», habitado pelos Saharois, os nossos saloios. É a Terra Saloia, para utilizar uma tipologia territorial com longas tradições na Península Ibérica (Terra, Tierras ...).*

*Os alfacinhas aprenderam a brincar com os saloios, mas também a admirá-los. Através de numerosas anedotas poderíamos resumir os dois lados da relação: a enganar e a ser enganado, mas sempre com o riso, a ternura e também o desdém. Uma relação afectiva que procura a perenidade.*

*Para os alfacinhas, os saloios representam também a pureza do retorno à natureza: as hortaliças viçosas e os frutos carnudos, cantados por Cesário Verde, as águas puras, as águas livres e cristalinas de Caneças, de Belas e de tantas fontes consagradas.*

*O Pão, o autêntico alimento, traduz-se hoje, em linguagem de supermercado, por pão saloio, como já foi o nome da manteiga, do queijo ou do tomate.*

*E a roupa, lavada, roupa branca, com cheiro natural, vinda nas trouxas das lavadeiras saloias, de Pintéus ou de Lousa, de mais longe e de mais perto.*

*Quando chegavam as pestes, as moléstias, a cólera ou a tuberculose, mais recente, era nesse campo saloio, desde Carnide, com el-rei D. Duarte, até Montachique, com os trabalhadores e a pequena burguesia de há poucas dezenas de anos, que os de Lisboa buscavam a salvação.*

*Também o nosso LISPOETA, Cesário por aí sonhou a vida às portas da morte, em piqueniques de papoilas, sob caramanchões de uva ferral, da alegre e Linda-a-Pastora até às sombras finais dos Lumiares.*

*José Manuel Fernandes, arquitecto e quase alfacinha, busca nos Saloios, na pátria e na diáspora as suas/nossas raízes, que persistem no antigo Termo, mas também se reproduziram além-mar, nos quatro cantos do Atlântico.*

*Os saloios, como a civilização muçulmana em geral, deixaram-nos muita coisa, uma herança ainda não toda a descoberto — talvez daí as covas, os tesouros, os poços encantados que por todo o País se atribuem aos Mouros ... —, mas faltam os documentos escritos de que se alimenta predominantemente a História. José Manuel Fernandes procura, numa busca permanente, entusiástica, apaixonada e apaixonante, a componente arquitectónica dessa herança, já volvida em património português, mas sempre da Terra Saloia.*

*Também aqui se pode ver o manancial regenerador, purificador, que inspira a terra saloia, retratada através de um dos valores mais profundos de uma cultura — a casa: refúgio, instrumento de trabalho, marca na paisagem, projecção das almas e dos corpos.*

*Ler as casas saloias é não só contribuir para discernir uma civilização, como abrir caminho (um dos caminhos) para a aventura dos Portugueses. Aventura de que não desmerece a maior saga dos Saloios: o conseguirem manter uma identidade ao longo de mais de um milénio, sempre na sombra da cidade, que não deixa de avançar.*

*Jorge Gaspar*

18 de Julho de 1990

## PREÂMBULO

É um facto reconhecido a existência de uma arquitectura com carácter próprio nos núcleos rurais e pequenas povoações dos arredores de Lisboa. Já mais polémicas ou imprecisas têm sido a explicação das suas raízes, a sua definição precisa e detalhada e a determinação da sua área de influência. São estes três aspectos que o presente trabalho tenta sintetizar, numa perspectiva de investigação no campo da história da arquitectura, da etnografia e da geografia.

## INTRODUÇÃO

«A forte personalidade do saloio reflecte-se com todo o vigor na habitação que constrói. Solidamente erguida em alvenaria de pedra, os seus volumes cúbicos [...]» Assim se refere exemplarmente ao tema a obra *Arquitectura Popular em Portugal* (1). De imediato se identificam noções de força, de solidez, de rudeza, de individualismo, associados a esta arquitectura, assim como uma evidente relação entre ela e a comunidade humana vulgarmente conhecida por «saloia».

Parece, portanto, interessante começar por analisar referências e hipóteses relativas à origem dessa comunidade no que isso possa interessar para compreender o fenómeno do seu *habitat*.

A fixação na Estremadura dos povos arabizados, com a gradual formação de uma cultura moçárabe, ao longo dos séculos que se seguem às invasões muçulmanas (com forte componente étnica berbere, do Norte de África) parece ter sido uma base para a definição da comunidade de tradição rural dos arredores de Lisboa, depois consolidada pelos invasores cristãos com a institucionalização dos reguengos, terras do rei onde os «Mouros» ou «Moçárabes» puderam continuar a viver: Herculano (2), Pimentel (3), Leite de Vasconcelos (4), Paulo Freire (5), estudaram, com mais ou menos discordâncias de pormenor, o assunto.

## CAPÍTULO I

### O CONTEXTO, A HISTÓRIA

#### Berberes, árabes e cristãos

Os povos berberes parecem ter constituído uma espécie de guarda avançada dos Árabes aquando das invasões do século VIII, e por isso se teriam fixado nas áreas de fronteira de que a Estremadura era exemplo: «Afirma-se que, após a batalha de Tarik, que abriu as portas da Península à invasão árabe, enquanto os Árabes se apoderaram das terras férteis da Andaluzia, os Berberes tiveram por quinhão as terras áridas da Mancha e da Estremadura, as montanhas de Leão, a Galícia e as Astúrias. E quando os Árabes tomaram conta de Lisboa, os Berberes espalharam-se pelos arredores formando o que depois se chamaria a região saloia.» [Segundo Paulo Freire em <sup>(5)</sup>.] Como povo, os Berberes mereceram de resto a atenção de Teófilo Braga <sup>(6)</sup>, de Oliveira Martins <sup>(7)</sup> e de Mendes Correia <sup>(8)</sup>, que procuraram ver neles afinidades de carácter ou mesmo de etnia com os Iberos, que os tinham antecedido no povoamento da Península, e com os quais se teriam fundido novamente aquando das invasões árabes; deles dizia Mendes Correia terem «um orgulho rebelde e indomável, que vai dum individualismo invejoso a um bairrismo estreito e que se traduz no isolamento das tribos [...]» [conforme obra citada em <sup>(8)</sup>]: surge aqui com clareza, descontada a terminologia etnográfica típica do início do século, a possibilidade de analogia com a tão cantada personalidade saloia.

## Reguengos, termos e Estremadura

A localização dos reguengos estremenhos, a delimitação do «termo» de Lisboa e da área da antiga província da Estremadura podem auxiliar a definir com mais clareza a implantação geográfica dos saloios, permitindo em seguida a relação com as tipologias arquitectónicas afins (FIG. 1).

Aqui surgirá uma primeira discordância da investigação face ao que é tradicionalmente aceite como a «área saloia», pois os autores analisados apenas se referem a ela em zonas da península de Lisboa (a norte do Tejo), quando afinal as referências existentes apontam também para a inclusão da península de Setúbal (a sul do Tejo) como parte primitiva da presença saloia, o que será confirmado pelos vestígios construídos que se puderam recolher. Vejamos pois.

Pedro de Azevedo (<sup>9</sup>), ao apurar 20 reguengos ou grupos de reguengos da Estremadura (regime de terras que outros autores associam à fixação dos «mouros forros»/saloios) no período da 1.<sup>a</sup> dinastia, refere localidades distantes da região saloia, perto de Santarém ou Leiria, mas refere também significativamente Colares, Oeiras, Sacavém ou Cheleiros (bem dentro da área saloia) e Caparica, do termo de Almada, o que remete significativamente para a margem sul a hipótese de idêntico regime de exploração de terras se apoiar em idêntica comunidade; Leite de Vasconcelos, na sua *Etnografia* (vol. IV), refere o foral de 1170, dado aos mouros de Lisboa, Almada, Palmela e Alcácer («mouros forros», agricultores), acentuando as analogias entre os regimes das duas margens — da Estremadura Cistagana e da Transtagana —, referindo ainda que «os [habitantes] dos concelhos de Almada, Palmela, Barreiro, Montijo, Seixal, Moita, Alcochete, Sesimbra e Setúbal creio que assim se reputam [estremenhos]». Há aqui que referir ter o conceito geográfico de Estremadura evoluído com grande «mobilidade» ao longo dos séculos (o que é, aliás, próprio de terra de «fronteira», logo de confluência e de mistura entre povos diversos). Se depois da reconquista a Estremadura era um vasto território entre Douro e Mil Fontes (chegando a sustentar-se a hipótese etimológica de o vocábulo partir de «extrema do Douro», que Leite de Vasconcelos refutou), foi gradualmente vindo reduzir a sua área, a sul de Coimbra e depois de Leiria, para, com a reorganização administrativa do início do século, perdendo a península de Setúbal, abranger actualmente (só como área geocultural) o distrito de Lisboa e a parte sul do de Leiria (aproximadamente até a Nazaré). Teria a região saloia correspondido inicialmente a uma área mais alargada (a Estremadura), vindo a perder, com a redução gradual do território a que correspondia (e as sucessivas infiltrações de migrantes provindos do Alentejo e do Norte), o seu carácter próprio — o que se poderá ver reflectido

na arquitectura local — ou, pelo contrário, sempre terá correspondido a uma área bem restrita e demarcada?

De qualquer modo, interessa aqui deixar realçada a «identidade das duas margens», como referiu Jorge Gaspar <sup>(10)</sup>: «Para poente do vale de Alcântara era terra de saloios, como o demonstram as produções tradicionais até finais do século XIX, como o indica a ocorrência de numerosos topónimos de origem árabe [...] Esta identidade cultural prolonga-se à Margem Esquerda — Almada, Caparica, Murfacém, Trafaria. Por isso não estranha que, logo na reconquista, as acções de gestão do primeiro rei fossem comuns — de um lado o Reguengo de Algés, do outro o Reguengo da Caparica.»

Quanto ao termo de Lisboa, ou área rural dos arredores sobre a qual a cidade tinha jurisdição, frequentemente identificado com a região saloia (como insiste Paulo Freire), abrange, seguindo o estudo de Vieira da Silva <sup>(11)</sup>, somente áreas a norte do Tejo, aliás incluindo apenas de 1385 a 1527 regiões como Cascais, Sintra ou Mafra (típicas da região saloia), que do termo se autonomizam desde essa data até à sua extinção, já no século XIX. A área mais permanentemente nele incluída, desde Oeiras e Sobral de Monte Agraço para nascente, até ao Tejo, sendo também zona saloia, não prova, pois, qualquer correspondência entre área do termo e área saloia.

Outro dado interessante para a compreensão geográfica da área saloia é o dos locais de peregrinação ou de romaria, de que os dois mais importantes parecem como que delimitar na sua maior extensão o espaço do povoamento saloio antes referido como possível: desde o círio da Nossa Senhora da Nazaré ao da Senhora do Cabo (Espichel) — exactamente desde a ponta norte ao extremo sul da antiga Estremadura. Sabendo como os «cabos do mundo» são fundamentais referências religiosas das comunidades e demarcam o espaço sagrado (interior) do profano (exterior), o espaço dominado do espaço desconhecido, assim se poderá dar todo o significado de instauração de uma fronteira protectora, ou de definição dos limites da «sua terra», a estes dois pontos (sem excluir a existência de outros, como o círio dos Santos, no Livramento, Mafra, referido por Paulo Freire, ou talvez celebrações no cabo da Roca ou na Peneda de Sintra). Leite de Vasconcelos refere as duas peregrinações principais a propósito do saloio <sup>(12)</sup>, insistindo Paulo Freire mais na importância da peregrinação da Nazaré [na obra citada em <sup>(3)</sup>], e o anónimo autor da *Fisiologia do Saloio* (de 1858) na do Cabo, à qual se refere também recentemente Jorge Gaspar [no texto citado em <sup>(10)</sup>]: «Ainda hoje a área de atracção da Romaria da Senhora do Cabo corresponde à área dos saloios, reproduzindo para os cristãos o que já fora uma peregrinação muçulmana e mantendo assim unidas as duas margens, cujo passo mais estreito se situa entre Belém e Porto Brandão.» Resta acrescentar que os vestígios arquitectónicos ainda existentes confirmarão mais uma vez a ocupação saloia deste percurso...

- LOCAIS DE LEVANTAMENTO
- REGUENGOS (1.ª DINASTIA)
- ◼ LOCAIS DE PEREGRINAÇÃO
- LIMITE DO TERMO DE LISBOA (1527, 1742 E 1836)
- ⊕ POVOAÇÕES ENGLOBALADAS NO TERMO DE LISBOA (1385-1572)
- ▲ BIBLIOGRAFIA (ESTUDOS MONOGRÁFICOS)

ZONAS SALOIAS REFERIDAS POR:

- ⊗ LEITE VASCONCELOS
- ⊗ PIMENTEL
- ⊗ JOAQUIM FONTES



### Saloio, pão, campo e deserto

Outra questão preliminar que interessa à arquitectura saloia é a da etimologia do vocábulo. De entre as diversas etimologias possíveis para a palavra «saloio», que B. da Câmara inventaria <sup>(13)</sup>, recolhendo anteriores hipóteses de inúmeros autores (que as vão formulando desde o século XVIII), interessa aqui destacar as que mais estarão relacionadas com aspectos espaciais ou arquitectónicos. Este ponto de vista, mais especulativo, assume-se na esperança de criar novas pistas de investigação, não significando naturalmente menor respeito pela origem actualmente reconhecida em termos científicos como a correcta, e que foi estabelecida por David Lopes, eminente arabista, em 1916 <sup>(14)</sup>: segundo Lopes, saloio derivará de «çahrói», adjectivo árabe significando «habitante do campo», romanizado como «çahroío», e evoluindo depois para «çaroio», «çaloio» e «saloio».

Assim, é interessante notar de entre as origens etimológicas antes invocadas as que possuem um fundo geográfico ou espacial (a começar na de Lopes, reportando-se ao «campo», ou ao «deserto», espaço certamente caro ao berbere) (FIG. 2), como «çalé» ou «salé» (cidade da Mauritânia, donde seriam originários os ditos), como «çaa'la», seita dos arredores de Lisboa no tempo de Afonso Henriques, ou designação de tribos qualificadas da mesma área. Outras duas etimologias são interessantes — pela confrontação que permitem com as questões da tipologia arquitectónica saloia: a de «çalá» ou «çalaio», tributo sobre o pão cozido pelo habitante dos arredores de Lisboa, que de imediato remete para a pequena fornalha que sistematicamente acompanha a cozinha da casa regional (FIG. 3); e a de «çalá» ou «saleh», significando «homem justo», nome próprio árabe derivando do verbo «saleha», indicando perfeição, verticalidade, e que esotericamente evoca a fixidez equilibrada do inconfundível volume torreado da casa saloia... (esta última acepção vem referida no *Portugal Antigo e Moderno*).



2 — Conjunto saloio nos arredores de Sintra

3 — Edifício térreo com forno acoplado e chaminé no Pragal, Almada





4 — Edifício torreado em Arneiro dos Marinheiros, Sintra

## CAPÍTULO II

### A ARQUITECTURA

#### A casa — Definição

Do que ficou dito podem considerar-se para a caracterização da casa saloia os seguintes aspectos:

- a importância da cultura árabe/muçulmana e do seu cruzamento com a cristã para a concretização do modelo arquitectónico do *habitat* saloio;
- a sua filiação num modelo genérico de habitação mediterrânea, a chamada «casa do Sul», de que constituirá variante profundamente original, quer pelos dois pisos de moradia rural que frequentemente apresenta, ou pelo carácter marcadamente afirmativo que exhibe;
- o seu carácter campesino, que depois evolui em muitos casos para um processo lento de «urbanização», processo aliás difícil, dada a sua expressão rude e simples de casa isolada (FIG. 4);
- o sentido vernáculo, ou se se preferir popular, que patenteia, onde as intromissões eruditas estão muito amaciadas, não passando de uma cimalha mais trabalhada ou de uma colunata de alpendre mais elaborada, quando não de simples afloramentos decorativos (FIG. 5).

Não obstante, é bem possível que a simples observação destas casas e a sua presença «forte» na paisagem da região tenham em várias épocas influído na elaboração de novos modelos arquitectónicos cultos, como os da arquitectura chã, dos séculos XVII-XVIII [na «carrure» (15) das proporções de solares e mesmo das igrejas], ou os do momento pombalino [nos quais os sistemas de coberturas apresentam especiais analogias, tema aliás apontado por Veiga de Oliveira (16)] (FIGS. 6 E 7).





6 — Torreões do Paço dos Arcos, Paço de Arcos, Oeiras (séculos XVI-XVIII)

◀ 5 — Pormenor de beiral com «pombinha» em Oeiras (século XVIII)

7 — Torreões do Palácio do Conde de Oeiras, Oeiras (século XVIII)

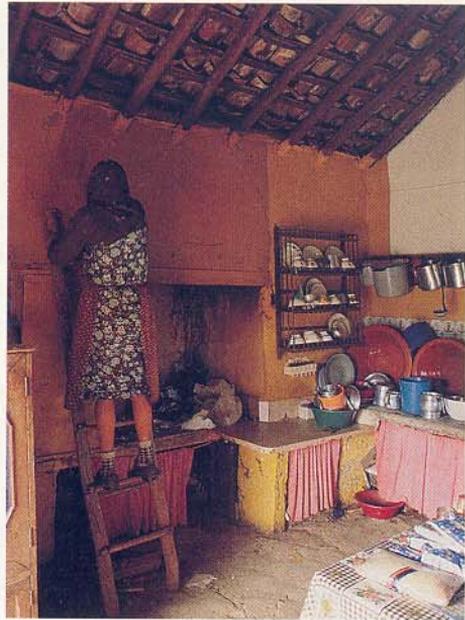


## Origem da casa — Hipóteses

As referências imediatamente anteriores põem uma nova questão que interessaria aprofundar, e que é a da possível época de formação do modelo arquitectónico conhecido como «casa saloia» (bem como a das possíveis origens desse mesmo modelo). Sem entrar agora na especificação dos vários subtipos e gradações que constituem esse modelo, vamos «pegar» no que se considera comumente o mais exemplar de entre eles, que é o da casa torreada (ou seja, com um corpo de dois pisos e quatro águas, justaposto a outro volume térreo e anexando chaminé e forno) (FIG. 8), para mais claramente formular respostas possíveis a essas questões. Partindo da tese que procura relacionar esta casa com a formação e evolução da comunidade ibero-berbere-moçárabe, depois cristã e saloia, é provável ter-se processado nesse quadro uma lenta elaboração e consolidação do(s) modelo(s) arquitectónico(s) que serviram de suporte a essa mesma comunidade, e que terão evoluído em paralelo a ela; portanto, poderão buscar-se as suas origens numa fase ainda anterior à reconquista, com graus sucessivos de aperfeiçoamento do modelo, «casamentos» ou influências de outras arquitecturas entretanto chegadas à região, etc.

Uma coisa, pelo menos, parece certa: tal como a comunidade que lhe deu forma ainda se diferencia hoje das outras populações, também essa casa manteve uma afirmação própria que parece ser de origem bastante antiga e com uma enorme fixidez formal. Concretizando, parece inevitável estabelecer uma relação entre o carácter autónomo, isolado e afirmativo do agregado de edificações a que se chama habitualmente casal saloio, bem definido na paisagem rural e claramente distanciado dos seus congéneres, e o sentido individualista do saloio, «habitante do campo/deserto», cujo sedentarismo não perdeu nunca o estigma da psicologia nómada, trabalhando a pequena propriedade em múltiplas hortas, num solo às vezes tão árido e agressivo, até ao limite das suas possibilidades (e daí o «horror à árvore», segundo Paulo Freire), na busca da produção de legumes e frutas, que são o símbolo de uma nunca alcançada «frescura edénica»...

O sentido autónomo do agregado é acentuado pela utilização do forno familiar (e não colectivo, como nas comunidades agro-pastoris do norte interior) (FIG. 9) e pela posse dos animais de carga, que a tornam mais independente e num certo sentido lhe aumentam a mobilidade e portanto a sentida noção de liberdade. Claro que este quadro, esquemático e fixista, tem sido profundamente alterado pelas intensas e rápidas mudanças sociais das áreas dos arredores de Lisboa, matéria, aliás, para outro tipo de investigação; o que nos interessa aqui sublinhar é antes o sentido de testemunho que a referida arquitectura ainda hoje pode apresentar para uma melhor compreensão do fenómeno saloio, desaparecidas embora muitas das suas práticas humanas.



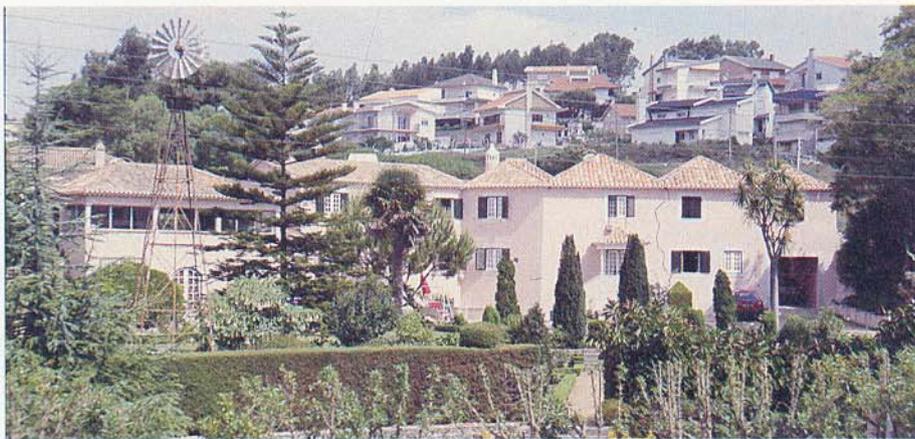
9 — Interior de casa térrea, com o corpo do «dar» e da chaminé, em Arneiro dos Marinheiros, Sintra

8 — Casa torreada com cozinha anexa em Arneiro dos Marinheiros, Sintra

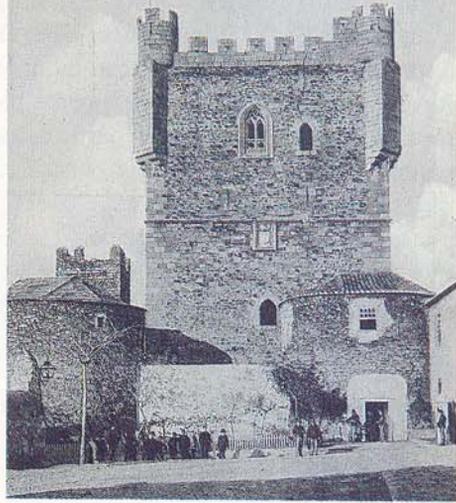


E o marcante volume torreado, donde provém? O espaço estremenho, e mais em particular o dos arredores próximos da capital, foi já aqui várias vezes referido como território onde se terão realizado sínteses entre culturas diferentes e foi certamente privilegiado para a fusão de valores cristãos e muçulmanos, sendo ponto de encontro central em relação ao país em formação, albergando também o núcleo do poder principal. Assim, e aplicando este raciocínio ao campo da cultura arquitectónica, a tradição das construções com torres militares (FIG. 10) que as comunidades da reconquista trouxeram certamente para o Sul [e que Carlos de Azevedo admite terem influenciado gradualmente a arquitectura civil com o aproximar da época manuelina (17)] pode ter criado uma nova tradição de construção vernácula e ter lançado modelos que de forma simplificada foram copiados pela população moçárabe dos arredores, dominada politicamente e sofrendo a natural influência cultural dos invasores (como hoje um emigrante português pode copiar moradias europeias). Mas essa influência não terá sido directa, antes entrou numa síntese com formas e modos de construir consagrados pelo tempo, que os povos da região seguiam (a cal, as proporções); talvez tenha influenciado os volumes torreados, mas também pode ter acrescentado um modo de cobrir os edifícios, um tipo de fenestração, uma organização interna determinada (FIG. 11). A hipótese mais provável aponta, no entanto, para a componente formal e construtiva de a casa salaia ser de fundamento moçárabe e ter pelo contrário «resistido» às inovações cristãs, cristalizando o seu modelo nas fases seguintes (com um ou outro contributo de pormenor do lado cristão); não esqueçamos que são os Mulçumanos, mais do que os «bárbaros» cristianizados (de que descendem os homens da reconquista), os portadores e transmissores dos fragmentos da antiga cultura romana, da boa tradição construtiva, do correcto uso da pedra e da telha...

11 — Quinta da Fonte, em Leceia, com os característicos «telhados múltiplos» (séculos XVI-XVII?)



Bragança—Torre de Menagem

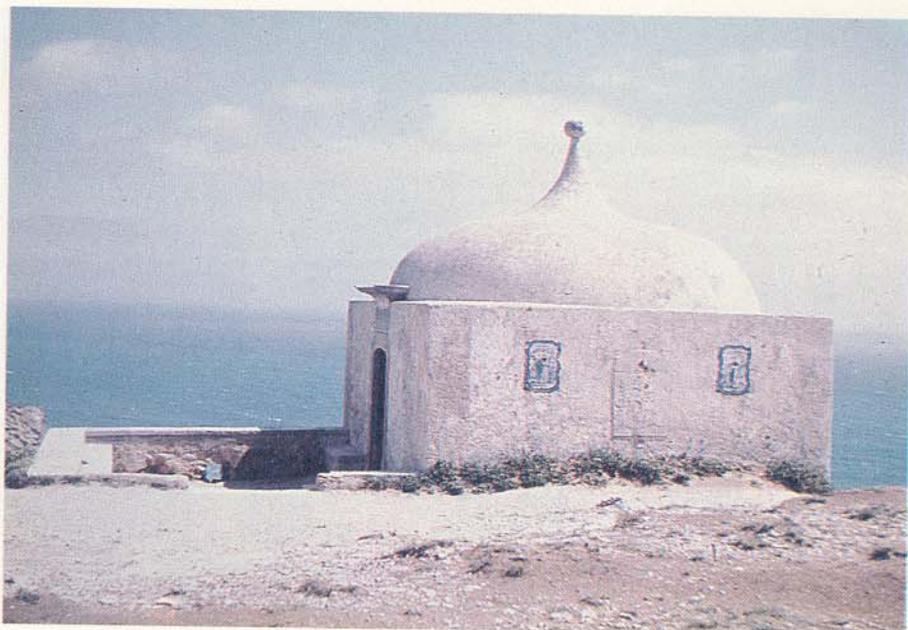


10 — Torre de menagem do Castelo de Bragança, em postal antigo

Outro dado que aponta nesta direcção resulta da simples observação dos volumes torreados, que, como se disse antes, apresentam dimensões mais ou menos repetitivas de comprimento, largura e altura: o volume aquadrado, (uma forma quase pura da geometria), reforçado pela escassez e exiguidade dos vãos nele rasgados. Ele remete para a «caaba», o «cubo sagrado» do Islão, edifício religioso que é o objecto básico da peregrinação da «nação mulçumana» a Meca. Se a «cuba» alentejana (FIG. 12), também de planta quadrada encimada por cobertura semiesférica, é um edifício mortuário que recorda a «caaba» (possível referência original), se um corpo formalmente idêntico marca o espaço sagrado do Espichel ou da Nazaré (as capelinhas da falésia com coberturas ligeiramente diferentes) (FIGS. 13 E 14), é possível aventar idêntica hipótese para explicar o espaço, a um tempo sagrado e doméstico, do *habitat* saloio.

A religião muçulmana privilegia as relações «verticais» do homem com Deus, isto quer no espaço urbano [daí o aparente sentido «labiríntico» da cidade árabe — como referem Goitia ou Benevolo<sup>(18)</sup>] quer num edifício isolado. E daí também a importância do pátio como «olhar para o Céu», como articulação Terra/Homem com Céu/Deus, que fundidos em imagem se traduzem no octógono (intersecção da abóbada-Céu com o quadrado-Terra). Esta justificação esotérica, evidentemente parcial, comprova-se se compararmos as medidas médias (avaliadas a partir de um certo número de levantamentos efectuados) do volume da casa salaia com as da «caaba». Assim, respectivamente para a largura, comprimento e altura, constata-se que a casa tem sensivelmente metade de cada uma dessas medidas: 5.50/10.70, 6.00/12.20, 6.50/13.10 (por exemplo, são frequentes as medidas fixas de 5.40 e de 6.30 no comprimento, largura ou altura do corpo torreado) (FIGS. 15 E 16). E mesmo em relação a tipologias diversas, como a de dois pisos corridos ou a térrea, é possível medir repetições moduladas dessas mesmas medidas (sendo também possível encontrar alçados com medidas iguais a plantas, característica típica





13 — Capela da Senhora do Cabo, junto ao santuário de Espichel, Sesimbra

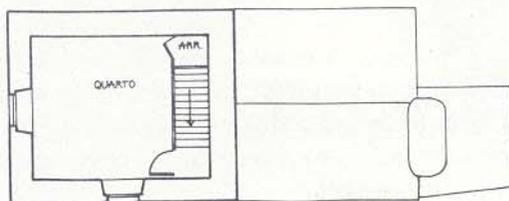
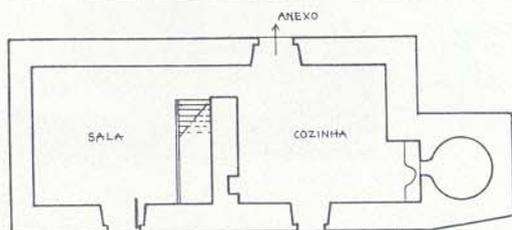
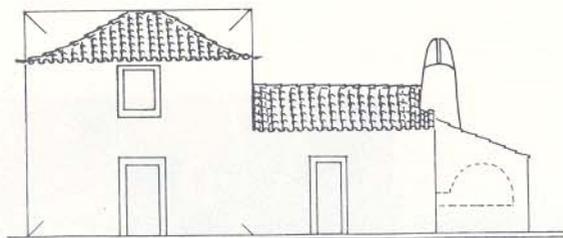


14 — Capela do Sítio da Nazaré (foto do livro *Arquitectura Popular em Portugal*, edição da Associação dos Arquitectos Portugueses)

da arquitectura de geometria simbólica). A «caaba» (FIG. 17) será deste modo uma referência espiritualmente exacta, transmitida no tempo por uma tradição do construir, através da qual foi materialmente imitada de modo aproximado... Claro que a cobertura torreada com quatro águas remete apenas para uma identificação aproximativa do modelo.

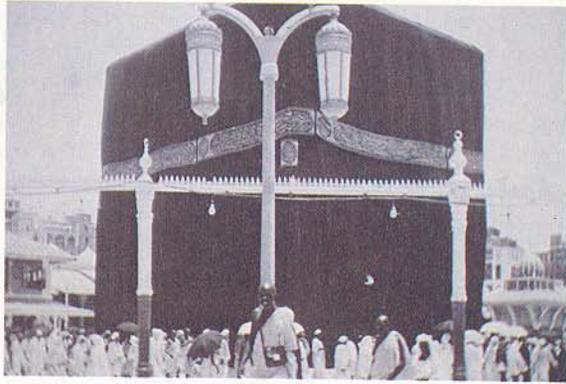


15 — Casa torreada com cozinha e chaminé-forno acoplados em Pernigem, Sintra — a «casa saloia» exemplar



16 — Levantamento de casa torreada em Lourel, Sintra

17 — «Caaba», edifício central do santuário de Meca, Arábia (foto da *Enciclopédia do Islão*)



### Morfologias arquitectónicas e materiais

Os elementos formais e construtivos mais marcantes na caracterização da casa saloia são os seus volumes caiados e maciços, com vãos de pequenas dimensões guarnecidos de pedra; os telhados mouriscados com telha de meia cana e remate arrebicado, de duas ou quatro águas; as chaminés com inúmeras variantes regionais no remate superior e os alpendres na escada exterior, com ou sem cobertura. Pormenores mais delicados, como os relógios de sol, os ornamentados portais, os poiais para vasos e os suportes de parreiras junto à entrada completam o quadro (FIG. 18).

Inúmeros estudos monográficos referem estes elementos, com maior ou menor exatidão, sendo os mais frequentes sobre a região de Sintra, de algum modo considerada como o «centro» da área saloia; entre outros, referem-se os trabalhos sobre Fanhões [B. da Câmara <sup>(19)</sup>], Almoçageme [1945, Lurdes Simões <sup>(20)</sup>], Murteira [1961, Dias Costa <sup>(21)</sup>], São João das Lampas [1964, Joyce Riegelhaupt, comentado por Viegas Guerreiro <sup>(22)</sup>], Malveira [1966, Eulália Gomes <sup>(23)</sup>], Colares [1970, Freitas Ferraz, citando Armando Lucena <sup>(24)</sup>], Magoito [1973, Ramos Pereira, citando Almeida Langhans <sup>(25)</sup>], Sintra (Oliveira Boléo, 1973) e finalmente o estudo de carácter mais geral sobre o saloio, por Joaquim Fontes, em 1947 <sup>(26)</sup>.

Os volumes maciços que compõem a casa, se bem que de dimensões variáveis, apresentam sempre um inconfundível atarracamento, um «peso» visual que é acentuado pela exiguidade das aberturas (e muitos alçados são mesmo totalmente cegos, ou apenas contêm uma minúscula janela).

Quanto à proporção desses volumes, já se referiu a sua fixidez e possível razão esotérica; a caiação a branco que os reveste surge com frequência moldurada nos cunhais e vãos com faixas de cor, azul ou avermelhada (tradição, aliás, em plena extinção). Neste aspecto a casa saloia aproxima-se dos valores que o Alentejo e o Algarve imprimem à habitação vernácula.

É, porém, nos telhados que se revela uma mais profunda originalidade: «A cobertura tem sempre o sanqueado tão particular das casas portuguesas que dá ao telhado a sua característica linha espreiada e doce como a lona de qualquer tenda» — assim se referia Raul Lino aos solares do século XVIII (27), em prosa que se pode aplicar totalmente ao caso presente e que nos evoca poeticamente a perdida dimensão nómada do saloio, como que «petrificada» agora na sua casa/ex-tenda (FIGS. 19 e 20). Trata-se, afinal, do suave encurvamento terminal dos telhados tradicionais portugueses, cuja origem é mistério ainda por decifrar, tão generalizado que surge em Tavira ou em Peniche, na Beira Interior ou no Minho, e onde alguns investigadores quiseram ver uma importação formal orientalista (28).

«O telhado é valadio, quer dizer, é formado por barrotes constituídos quase sempre de castanho e ripas de pinho, poucas vezes com forros interiores» (24); a estes dois sistemas ouvimos chamar «tecto de painel» (para o forrado) e «tecto de cubo» (para o de barroto) na aldeia de Pernigem, há poucos anos.

18 — Casa torreada com cozinha lateral em Arneiro dos Marinheiros, Sintra



19 — Barracas de praia  
de Sesimbra



20 — Casa torreada com corpo anexo em Arneiro dos Marinheiros, Sintra





21 — Casa nos arredores de Carcavelos (Rebelva)

«O beirado é corrido, com subeira a que a telha de canudo dá ondulado aprazível. Arrincões, com boa sanca, justificam os bicos recurvados que os terminam e exigem do artista carpinteiro certo sentido estético nas proporções da concavidade que virá vincar-lhes o gracioso perfil» (26) (FIGS. 21 e 22); por esta citação se vê a delicadeza construtiva, a sabedoria de formas que está por detrás de construções aparentemente tão simples — e que por isso tanto perdem quando se modernizam sem cuidado e sem saber. Basta pôr telha industrial (os tipos Marselha ou Campos são os mais correntes) e eliminar o sanqueado para obter de imediato um «monstro». Quanto à sub-beira, ela pode desaparecer, sendo o remate do telhado feito com beira simples, se as casas forem mais humildes. De referir ainda que as «pombinhas», prolongamento cerâmico nos encontros dos beirais, com inventivas variantes, podem representar vestígios de tradição ancestral, mito fálico petrificado, como Leite de Ataíde defendeu (29).

A tecnologia construtiva utilizada é normalmente a pedra calcária argamassada, trabalho de alvenaria que é corrente na Estremadura; mas há exemplos na zona do cabo Espichel onde ocorre a utilização de «gigantes» que indicam o uso de taipas (se bem que somente em tipos térreos) (FIG. 23); e com a implantação deste tipo de casa nas ilhas atlânticas é a pedra negra vulcânica que as vai passar a moldar — provando a força e permanência da forma tradicional, para além dos condicionamentos e materiais locais...

22 — Casas da Estremadura,  
em desenho de Raul  
Lino para a capa  
do seu livro  
*Casas Portuguesas*,  
ed. de 1933



23 — Casa térrea com  
«gigantes»  
na estrada  
Santana-Espichel,  
Sesimbra



24 — Interior de uma casa  
torreada: sala  
de entrada na qual  
se encontra a escada  
de acesso ao único  
quarto do piso  
superior. Ao fundo  
um característico  
armário de canto  
e a porta de ligação  
à cozinha (Morelinho)





25 — Casa térrea em Arneiro dos Marinheiros (a mesma cujo interior se apresenta na foto 9)

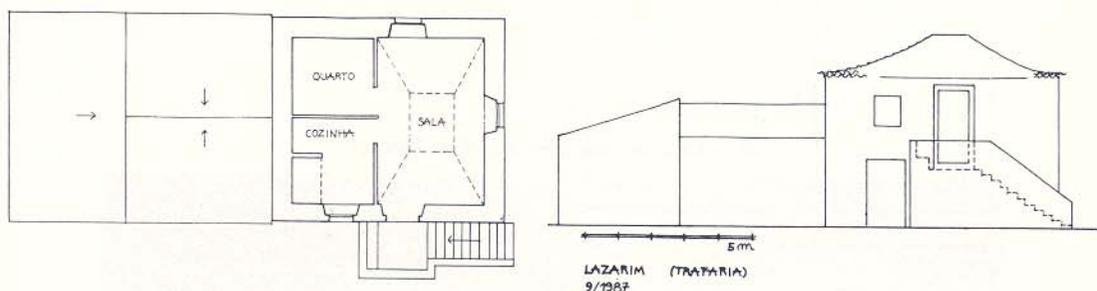
### Tipologias, espaço interior

É possível sistematizar em grupos tipológicos as inúmeras variantes da casa do tipo da Região Saloia, partindo de um esquema organizativo comum que a maioria das monografias antes citadas referem: um espaço de entrada térrea, a «casa de fora», com característicos armários de canto em madeira e escada interior (no caso de ter dois pisos), ligado por sua vez à cozinha (sempre com o forno integrado na lareira, que pode ser «alta» ou chã, tendo a chaminé por cima) e a outros anexos (quartos ou adegas e arrecadações). Por cima, um ou mais quartos (FIG. 24). Apenas quando o conjunto se torna mais complexo, e surge a escada exterior com alpendre é que este sistema pode alterar-se, articulando-se então a sala de entrada directamente com esse alpendre, no cimo das escadas. Nesse caso os espaços térreos poderão em parte servir de «lojas». Assim, excluindo a sua variante térrea, a casa saloia recorda sempre de algum modo um compromisso ou uma síntese entre o modelo northeno de casa rural (que exclui sempre a habitação no térreo, destinado aos animais) e a habitação do Sul (tantas vezes só com o piso térreo, onde coexistem as diversas funções).

Estas casas podem agrupar-se em quatro tipos principais [como de resto já Joaquim Fontes propôs, no que se refere aos três primeiros grupos a seguir referidos <sup>(26)</sup>] —, e a classificação a seguir apontada conta já com a inclusão dos exemplos da área atlântica, que se caracterizarão depois.

- 1) Um **tipo térreo** (FIG. 25), o mais simples, com subtipos, conforme a cobertura seja de duas ou quatro águas e o volume do forno-chaminé seja colocado no topo ou lateralmente à construção. Por vezes, nos Açores (Santa Maria), a ampliação deste modelo desenvolve-se com a planta em «L».
- 2) Um **tipo torreado** ou «sobrado» [como diz Joaquim Fontes <sup>(26)</sup>], que tem um corpo de dois pisos, sempre com quatro águas, anexo a outro térreo, onde está a cozinha com forno e chaminé. Apresenta também diversos subtipos, conforme o anexo seja de topo ou lateral, tenha duas ou três águas, ou seja coberto pelo prolongamento de uma das águas do volume torreado). Em casos especiais pode estar resumido a um único volume de dois pisos, tendo então adossada a chaminé e o forno, com a cozinha no piso inferior (FIG. 26). Há ainda a considerar variantes formais em que a cobertura é constituída por um terraço, ou em que há escada exterior, com ou sem alpendre coberto (Ilhas Canárias).

26 — Levantamento de casa torreada em Lazarim (Trafaria)



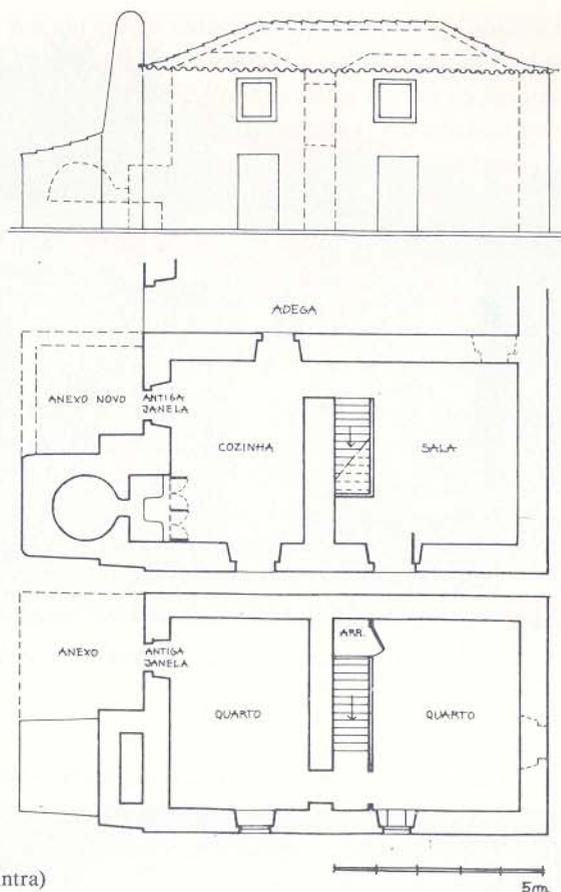
27 — Casa torreada na estrada Santana-Espichel, Sesimbra



- 3) Um **tipo de dois pisos «corridos»** (FIGS. 27, 28 E 29), de forma alongada, com quatro águas, em que vai variando o número de aberturas do lado maior, conforme o número de compartimentos, e que apresenta normalmente entre dois e quatro vãos; a cozinha pode estar incluída no corpo principal ou situar-se em anexo térreo. Pode este tipo implantar-se em desnível (tendo então um dos lados apenas o piso superior à vista) e, do mesmo modo que o anterior, apresentar escada exterior e alpendre. Surge ainda uma variante com o forno «pendurado» (que indica a localização superior da cozinha). É através desta tipologia que, com o afastamento gradual da sua localização na área de implantação saloia, se vai descaracterizando o modelo de casa, em transição para o tipo mais geral da Estremadura ou Ribatejo.

28 — Casa de dois pisos em Mem Martins





29 — Levantamento de casa em Arneiro dos Marinheiros (Sintra)

- 4) Um tipo de dois pisos com vários corpos (FIGS. 30 E 31), em disposição paralela ou perpendicular, de planta mais complexa, normalmente com escada e alpendre exterior mais ou menos elaborados, e telhados múltiplos, que vai relacionando a tipologia salaia com formas e soluções mais eruditas, e deste modo escapando também ao seu âmbito (por isso não se analisará aqui em pormenor).



30 — Casa com corpos múltiplos e alpendre em Belas, Sintra

31 — Outra casa com coberturas múltiplas na estrada de Barcarena para Queluz de Baixo, Sintra



Em todos estes tipos base podem surgir casos de implantação em contexto urbano, nos quais o edifício é construído na sequência de uma rua, entre dois outros prédios, com a sua fachada principal alinhada pelas outras (ou posteriormente envolvido lateralmente por edificações justapostas, em gradual processo de urbanização) (FIG. 32). Nalguns casos marca ainda a sua autonomia e personalidade própria pela presença de um pátio murado com portal (que aliás pode surgir também no contexto rural), que assim o separa ainda dos volumes vizinhos.

A título exemplificativo, e partindo de levantamentos parciais ou sistemáticos efectuados pelos autores em várias regiões, pode referir-se a existência dos vários tipos base em diversas localidades e regiões como:

- para o tipo térreo: Arneiro dos Marinheiros (Sintra), Pragal (Almada), estrada Santana-Espichel (Sesimbra), ilha de Santa Maria (Açores);
- para o tipo torreado: Morelinho, Lourel, Mem Martins, Algueirão, Pêro Pinheiro, Pernigem, Queluz, Albarraque (Sintra), São Domingos de Rana (Cascais), Caneças (Loures), Sobreda (Almada), ilha de Santa Maria (Açores), Lanzarote, Tenerife (ilhas Canárias);
- para o tipo de dois pisos corridos: Pernigem, Belas (Sintra), Tires (Cascais), Cacilhas, Carnaxide, Barcarena (Oeiras), A da Beja (Amdora), Sesimbra, estrada Santana-Espichel (Sesimbra), Funchal, Porto Santo (arquipélago da Madeira), ilha de Santa Maria (Açores), La Palma (ilhas Canárias);
- para o tipo de dois pisos com vários corpos: Santo Amaro-Riba Fria, Belas (Sintra), Vila Fria, Barcarena (Oeiras).



32 — Casa no centro da vila de Oeiras da segunda metade do século XVIII

Recorrendo a levantamentos ou estudos diversos, é possível alargar ainda a outras áreas as exemplificações:

- Tipo 1: Azeitão <sup>(30)</sup> (Setúbal), e Malveira <sup>(23)</sup> (Mafra);
- Tipo 2: Assafora <sup>(1)</sup>, São Miguel de Odrinhas <sup>(26)</sup> (Sintra);
- Tipo 3: Magoito <sup>(25)</sup>, São João das Lampas <sup>(22)</sup> (Sintra);
- Tipo 4: Odrinhas <sup>(26)</sup> (Sintra).

Torna-se necessário aqui insistir na utilidade e urgência da realização de um levantamento ordenado e sistemático de toda a área em discussão: só assim se poderá chegar a conclusões definitivas sobre a real área de implantação da casa saloia e daí tirar ilações mais gerais sobre a geografia dessa cultura. Mas para já, em termos provisórios e partindo dos levantamentos efectuados, é possível tornar a abordar em moldes mais rigorosos e informados a questão da zona de influência saloia.



33 — Casa em  
A dos Negros,  
aldeia estremenha  
(foto do livro  
*A dos Negros*, citado  
na bibliografia)

## A casa saloia e a sua área de implantação

Posto isto, as conclusões que de imediato se podem tirar são:

- a) A área de localização dos conjuntos rurais, casais e aldeias de características tipicamente saloias estende-se não só pelos concelhos dos arredores norte e poente de Lisboa (Oeiras, Amadora, Cascais, Sintra, Mafra e Loures), no que corresponde à área saloia reconhecida por Leite de Vasconcelos e geralmente aceite ainda hoje como correcta, mas também ao território da margem sul, e nomeadamente a núcleos dos concelhos de Almada, Sesimbra e Setúbal. Torna-se, pois, necessário rever a delimitação dessa área, no que a contribuição do levantamento da arquitectura «saloia» é factor essencial;
- b) Dada a migração intensa que a margem sul sofreu sobretudo com população de origem alentejana (apoiada e atraída pelo processo de industrialização acelerada ao longo de todo o final do século XIX e durante o século XX), o espólio arquitectónico das comunidades saloias da região, provavelmente absorvidas na quase totalidade pelos novos grupos sociais e pela nova comunidade daí resultante, apresenta hoje o carácter de vestígios isolados, muitas vezes em ruínas, ao contrário do que sucede na margem norte, onde as aldeias exibem ainda uma forte coesão e vitalidade dentro do quadro saloio — o que só reforça a importância do estudo desses vestígios como testemunho de uma cultura em extinção nessa área;
- c) A zona de irradiação ou penetração da área saloia a norte, que Alberto Pimentel queria ver situada entre Torres Vedras e Óbidos, aliás refutada por Leite de Vasconcelos, parece corresponder em termos arquitectónicos a áreas de transição, onde as características da casa saloia se vão gradualmente alterando ou perdendo, como parece poder demonstrar-se se efectuarmos, por exemplo, uma análise à arquitectura de uma qualquer aldeia estremenha [aproveitando o estudo sobre A-dos-Negros, perto de Óbidos, feito por João Evangelista <sup>(31)</sup>]. (FIG. 33). As casas térreas parecem enquadrar-se no tipo 1 atrás referido (embora só já surjam na variante de cobertura com duas águas, aliás assimétricas); mas a habitação corrente com dois pisos tem uma «casa de forno» exterior, fora do bloco principal, o que é manifestamente discrepante com uma característica básica da casa saloia, a existência do forno acoplado à lareira da cozinha.

Seria, porém, necessária uma pesquisa sistemática por todo o norte da Estremadura para poder testar com mais rigor esta última conclusão.



## CAPÍTULO III :

### A «CASA SALOIA» E A EXPANSÃO PORTUGUESA

#### A «casa saloia» e as ilhas atlânticas

Emblemática da relação entre o povoamento das ilhas e o dos arredores de Lisboa é o conjunto da «rua dos Ilhéus», na Picanceira, série modulada de habitações com forno saliente construída nos arredores de Mafra, que, sendo obra original (nem representa tipologias exactamente açorianas nem precisamente saloias), não deixa de chamar a atenção para duas áreas geográficas entre as quais o processo dos Descobrimentos ditou naturais ligações <sup>(32)</sup>.

Orlando Ribeiro e outros geógrafos <sup>(33)</sup> referiram já o papel preponderante que os povos do Sul e Centro de Portugal terão desempenhado nos primeiros tempos do povoamento insular. A eles corresponde, como se sabe, a ocupação sucessiva de Porto Santo, Madeira, Santa Maria e São Miguel, ao longo da primeira metade do século xv, sem esquecer a contemporânea contribuição para a população das Canárias, embora sob hegemonia castelhana <sup>(34)</sup>.

É discutível e problemático procurar estabelecer relações directas entre povoadores de época tão longínqua e as casas rurais que actualmente se podem encontrar nessas ilhas, como o seu estudo sistemático recente procurou salientar <sup>(35)</sup> — isto pela interacção de influências entre ilhas, independentemente da metrópole, ou pela capacidade de formação de modelos de *habitat* autónomos ou mesmo originais num longo isolamento de séculos. Não deixa de ser muito provável que certos tipos de casas possam ter sido efectivamente transpostos para esses territórios em data mais ou menos remota.

Constata-se assim o aparecimento de tipologias muito semelhantes às da casa saloia dos arredores de Lisboa nos três grandes arquipélagos do Norte Atlântico, embora em cada caso com características que as particularizam. Note-se que nestes territórios é ou foi quase sistemático o uso do forno familiar integrado na cozinha de qualquer tipo de casa, principalmente em contexto rural, pelo que há que distinguir com mais cuidado a tipologia realmente relacionável com a casa saloia da dos restantes modelos.

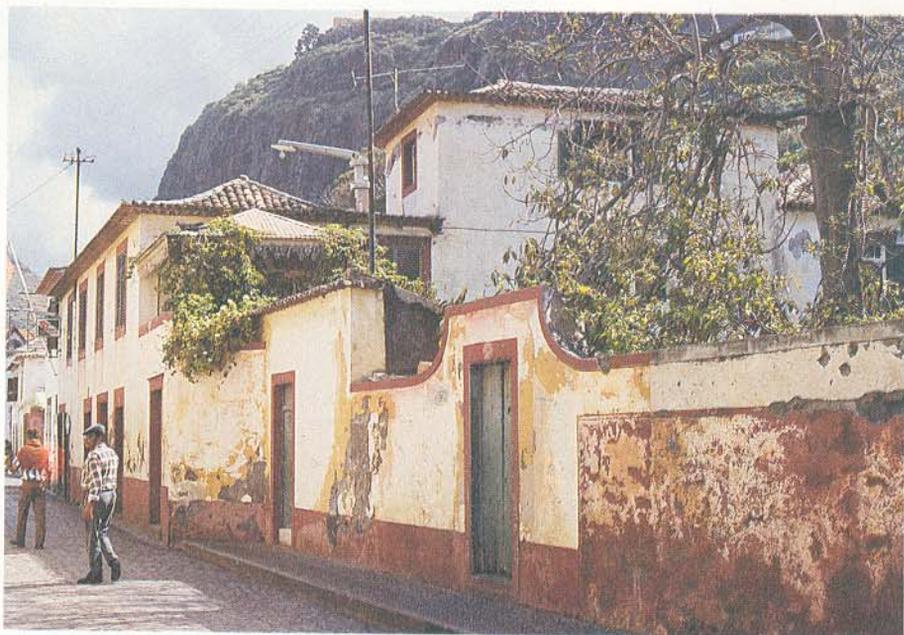
◀ 34 — O «Lar» com a «boca» do forno na cozinha de uma casa em Santana (Santa Maria, Açores), da obra citada na pág. 6.

## Madeira

O arquipélago da Madeira é talvez aquele onde essa presença menos importância atinge, ocorrendo especificamente o tipo torreado com pouca frequência no espaço rural da ilha maior [como o estudo de Victor Mestre refere <sup>(36)</sup>] e mesmo em Porto Santo (onde a casa conhecida como «de Colombo» será um exemplo). Casas isoladas nos arredores do Faial (costa norte da Madeira) com dois pisos, forno acoplado e «pombinhas» em forma de ave ou de cabeça humana serão exceções (FIG. 36).

36 — Casa de dois pisos, Faial, no nordeste da Madeira





38 — Casa de corpos múltiplos e alpendre na Ribeira Brava, Madeira



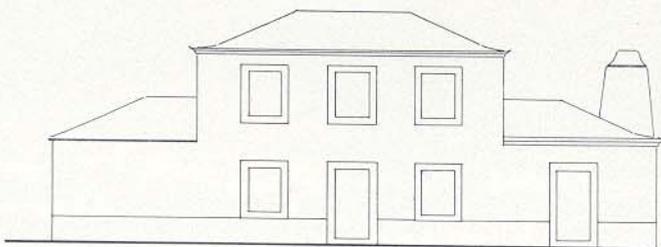
40 — Pormenor do corpo da mesma casa que contém a cozinha, com o sistema de lareira-chaminé-forno bem visível



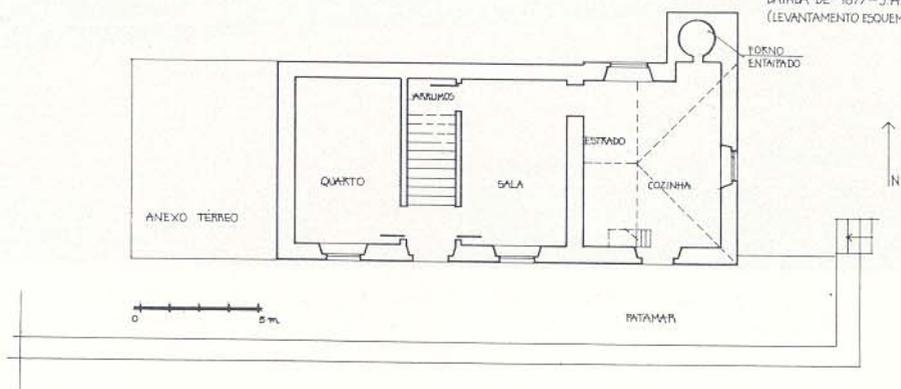
37 — Casas no Bairro de Santa Maria, com os fornos suspensos e salientes, ligados às respectivas chaminés, nas empenas (Funchal, Madeira)

É no entanto possível reconhecer em muitas casas uma «expressão estremenha» que as aproxima mais ou menos da saloia, sobretudo nos contextos urbanos, do Funchal e de pequenas localidades costeiras, nomeadamente: na Rua de Santa Maria (em fachadas contíguas, com os característicos quatro telhados de sanqueado suave e com fornos suspensos), na parte antiga da capital (FIG. 37); na descida para a Ponta do Sol, uma casa de dois pisos corridos com cozinha e forno anexo (tipo 3); na rua principal da Ribeira Brava, um conjunto mais complexo, com alpendre coberto a recordar mais directamente o «solar» saloio (tipo 4) (FIGS. 38 E 40); finalmente, a série de edifícios junto à costa de Porto da Cruz, também dentro do tipo 3. Mas falta sempre qualquer coisa a estas casas para serem mais do que aparentadas à saloia: uma caiação mais franca, uma chaminé que mereça esse nome, uma proporção realmente «pesada»...

Falta, aqui de qualquer modo, uma investigação mais aprofundada que permita comparar em desenho rigoroso os diversos exemplos e assim melhor caracterizar as possíveis analogias, incluindo até os modelos construídos mais tardiamente, como no século XIX (FIGS. 35 E 39).



CASA EM VILA BALEIRA  
— PORTO SANTO —  
DATADA DE 1877 — J. A. L. D.  
(LEVANTAMENTO ESQUEMÁTICO)



39 — Levantamento da casa da foto seguinte

35 — A casa de dois pisos com cozinha anexa em Vila Baleira, na ilha de Porto Santo, arquipélago da Madeira (levantamento da figura n.º 39)



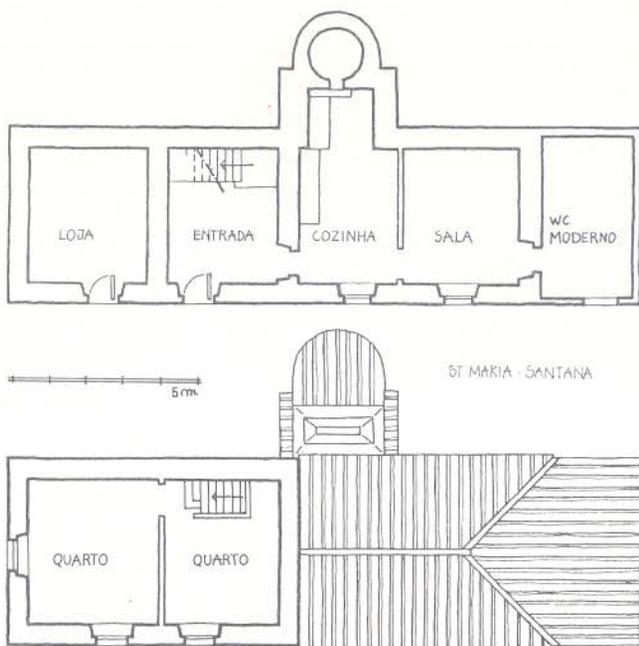


41 — Vista geral da freguesia de Almagreira, em Santa Maria, Açores (foto da obra citada *Arquitetura Popular dos Açores*, da Associação dos Arquitectos Portugueses)

## Açores

«É o único modelo conhecido no arquipélago que pode relacionar-se directamente com um modelo do Continente: quer seja por transposição directa via povoadores, ou por coincidência de factores materiais semelhantes, ou ainda por existência de uma mesma base cultural e construtiva.» Assim se refere à casa de tipo saloio o já citado estudo sobre a arquitectura popular açoriana <sup>(37)</sup>. E é praticamente apenas em Santa Maria que essa tipologia surge (exceptuando algumas casas de «sabor» estremenho em São Miguel), muito localizada à roda de Vila do Porto, único núcleo urbano da ilha.

Nas planuras tristes de Santana, no ambiente rural de Almagreira (FIG. 41), na enseada amena da Praia ou no recanto perdido dos Anjos, existem meia dúzia de casas, sempre isoladas e com uma «presença afirmativa» <sup>(37)</sup>, que exibem sucessivas variantes do modelo saloio, sobretudo dos tipos 2 e 3, numa identidade evidente com o Continente, que só se diferencia pelos cunhais de «cantos sem beira», originalidade de resto muito mariense (FIGS. 42 E 43) . . .



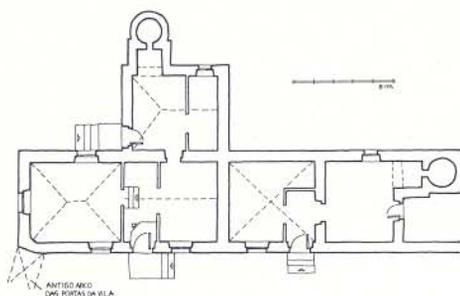
42 — Levantamento de casa de dois pisos com cozinha térrea anexa, em Santana, Santa Maria, Açores (da obra citada na pág. 6)

43 — Fotografia da mesma casa (da obra citada na pág. 6)



Aparentando na maioria dos casos serem das mais antigas da ilha, estas construções devem ter tido por certo importância na gestação do modelo mais comum de *habitat* que hoje se encontra disseminado um pouco por todo o seu território, o da «casa mariense» propriamente dita (FIG. 46), que sempre apresenta o sistema de lareira/forno/chaminé nosso conhecido e a habitual modulação de dimensões que rondam os 5/6 m. Têm além disso claro parentesco com algumas casas urbanas de Vila do Porto mais projectadas, nos mesmos aspectos de proporção e espaço da lareira (FIGS. 34, 44 E 45).

44 — Levantamento de duas casas térreas em Vila do Porto, Santa Maria, Açores (da obra citada na pág. 6)



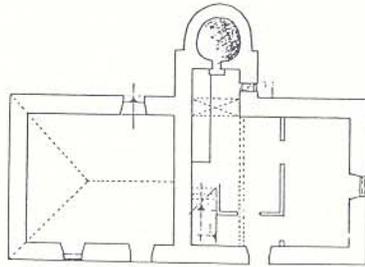
45 — Vista das casas anteriores (da obra citada na pág. 6)



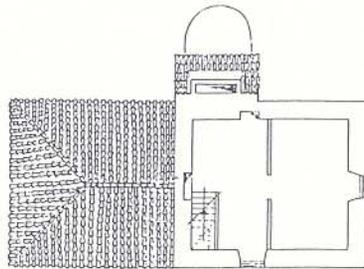
46 — Duas habitações térreas características de Santa Maria, com o forno-chaminé acoplado (da obra citada na pág. 6)



47 — Casa torreada nos arredores de Almagreira, Santa Maria, Açores — note-se que a casa se resume ao corpo alto, já que o anexo térreo é apenas uma arrecadação (da obra citada na pág. 6)



48 — Levantamento da casa anterior (da obra citada na pág. 6)

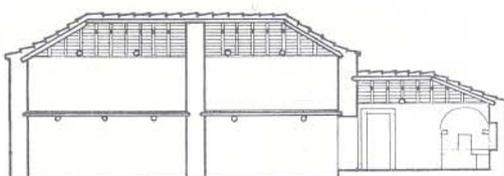
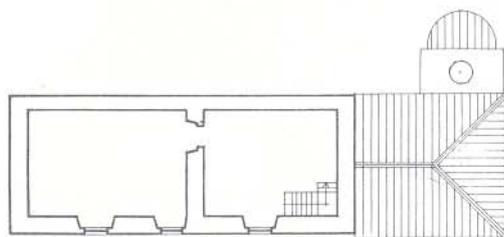


O esquema da casa é simples, evoluindo desde o edifício constituído por um simples torreão com sala/cozinha em baixo e quarto por cima (Almagreira) (FIGS. 47 E 48), passando pelo «clássico» torreão com «casa de fora» térrea e quarto por cima, tendo a cozinha ao lado (também em Almagreira), até aos tipos mais alongados, com dois compartimentos no corpo de primeiro andar (loja e sala de entrada no térreo e quartos por cima) e de novo cozinha ao lado (Courelas e Anjos) (FIGS. 49 E 50); ou finalmente às habitações com um único volume em dois níveis: cozinha, sala e loja térreas e três quartos superiores (Praia) (FIGS. 51 E 52).

Um tipo térreo sem originalidade especial completa o conjunto, com um sereno e discreto exemplo em Panasco, freguesia de Santo Espírito.



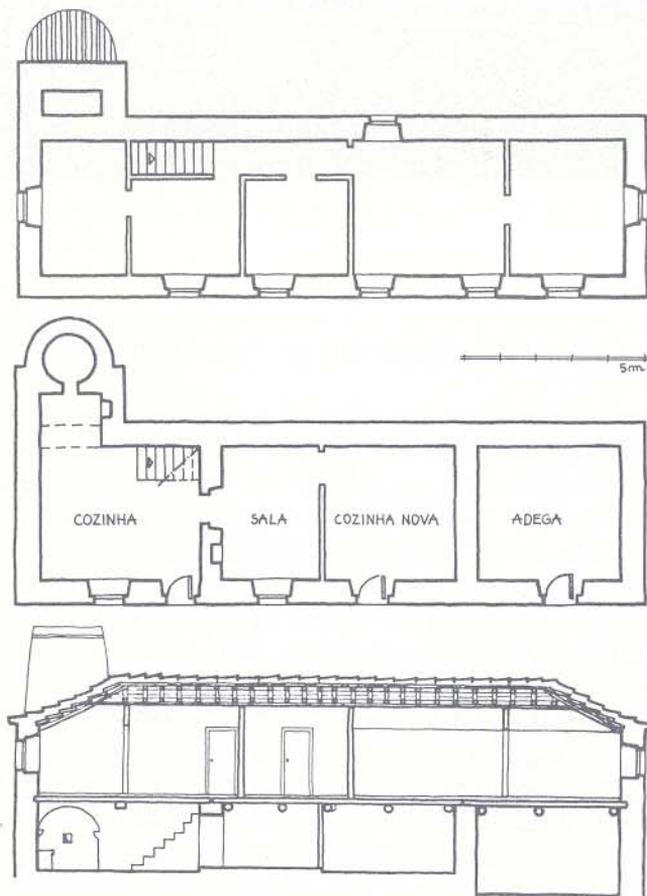
49 — Casa nas Courelas, Santa Maria, Açores — tipo de dois pisos, alongado, com cozinha térrea anexa (da obra citada na pág. 6)



50 — Levantamento da casa anterior (da obra citada na pág. 6)



51 — Casa de dois pisos na Praia, Santa Maria, Açores (foto da obra citada na pág. 6)



52 — Levantamento da casa anterior (da obra citada na pág. 6)



53 — Casas rurais dos arredores de Santa Cruz de la Palma, Canárias

### As Canárias e os Portugueses

Mais curiosa e delicada de abordar é a presença de casas análogas às da região saloia no arquipélago das Canárias, já devido ao fugaz e longínquo domínio político dessas ilhas pela coroa de Portugal (em meados do século XV), e à intensa mistura com outras influências pela via da colonização dominante castelhana (nomeadamente a andaluza), a que esse pretenso domínio esteve sujeito desde o início.

E no entanto a presença portuguesa na arquitectura das Canárias é tão pouco conhecida como importante, tendo sido estudada e divulgada aliás por investigadores vários: «Una ciudad canaria recuerda más a los conjuntos urbanos portugueses que a los españoles. Esto se debe no solo a las iglesias, sino más aun al caserío. La casa canaria con sus grandes paramentos tendidos de cal, con el empleo de la piedra gris en las cadenas de los ángulos y en la guarnición de puertas y ventanas, con sus filas de ventanas iguales, de traza rectangular, nada tiene que ver con la pintoresca mezcolanza de las casas españolas, en las cuales el mudejarismo reaparece con tanta frecuencia.»<sup>(38)</sup> (FIG. 54).

A que se deve tão forte impacto da construção de provável origem lusa, de resto também patente nas edificações dos espaços rurais? (FIG. 53) Jose Perez Vidal, num dos trabalhos que dedicou ao assunto <sup>(39)</sup>, refere-se a uma fase histórica de presença portuguesa nas Canárias especialmente intensa, entre 1479 (data do Tratado das Alcáçovas, que reconhece definitivamente o domínio político castelhano sobre as ilhas) e 1640. E é precisamente nesse período, quando as pretensões da coroa portuguesa desaparecem, que emigrantes de todas as partes do País (sobretudo da superpovoada Madeira, para dar apoio à cultura da cana-sacarina, mas também do Sul do continente — Tavira, Lagos, Évora — e do Norte — Vila Real, Porto, Castelo Branco — e, em menor escala, dos Açores) vão chegando às Canárias...

Como causas deste processo Vidal aponta: a situação geográfica do arquipélago, ponte para as Índias (as orientais e as ocidentais — estas últimas proibidas aos Portugueses, que, «canarizados», iludiam mais tarde o controlo de saídas para a América espanhola); as facilidades de comércio também com as regiões africanas; a possibilidade de dissimulação para muitos judeus ali refugiados; a proximidade com o arquipélago da Madeira, rapidamente sobrepovoado; e também o aliciante de novas terras de cultura que as próprias Canárias, acabadas de conquistar, ofereciam.

54 — Vista de Los Llanos, ilha de La Palma, Canárias — um corpo torreado em primeiro plano



Homens de muitos ofícios, ainda segundo Vidal, eram estes portugueses madeirenses, sobretudo comerciantes, marinheiros e artesãos: «Recuérdese, por ejemplo, su frecuencia en el personal de los ingenios y en la tripulación de las embarcaciones; y añádase que en muchos casos se ponían de acuerdo albañiles y carpinteros portugueses para realizar determinadas obras.»<sup>(39)</sup> Vidal detalha esta colaboração em investigação complementar<sup>(40)</sup>: no início do século XVI, em Tenerife, «Alvaro Fernandes y Diego Alvares, que se comprometen a realizar la obra de carpintería de unas casas en la Villa de Arriba de la ciudad de San Cristóbal (de La Laguna) y, además, 'las arcas, bancos y atajos necesarios en las casas y una mesa de bancos'».

Em suma, os Portugueses eram a segunda comunidade em importância das ilhas, como atesta outra referência do mesmo autor<sup>(40)</sup>: «Una orden que se pregona el 7 de septiembre de 1501 está dirigida a todos los vecinos e moradores estantes e abitantes, asy castellanos como portugueses, canarios, gomeros e guanches.» E, além disso, constituíam uma comunidade muito ligada à construção e à arquitectura (FIG. 55).

55 — Casa rural nos arredores de Los Llanos, Ilha de la Palma, Canárias





56 — Outra casa na mesma área — o volume do forno com a chaminé acoplada, no volume correspondente à cozinha

### A arquitectura vernácula canária e os Portugueses

Como se reflectiu em termos mais concretos essa actividade de pedreiros e carpinteiros no espaço canário? Ela encontra-se em primeiro lugar no próprio vocabulário técnico da construção, com muitas palavras de origem portuguesa, ainda hoje em uso nas ilhas, como «frechale», «suallado» e «malletete», por «frechal», «soalhado» e «malhete», que atesta uma mesma tradição carpinteira<sup>(39)</sup>. Encontra-se também em diversas soluções formais e construtivas que não parecem encontrar correspondência tão directa em Espanha como em Portugal: os sistemas de cobertura são talvez o melhor exemplo (FIGS. 56 E 57).



57 — Interior (adaptado a galería de arte) de um conjunto torreado em Yaiza, ilha de Lanzarote, Canárias

«La construcción dispersa, contraria a la de Andalucía, que es concentrada, y la abundancia de madera, que en Andalucía falta, han permitido el desarrollo del tejado en punta de diamante, el más bello y costoso de todos, y el de dos vertientes, con el caballete paralelo a la fachada y dos pequeños faldones en los extremos. Estas cubiertas a cuatro aguas no se hallan en los pueblos andaluces sino muy raramente, en algunos de las partes montañosas del norte de Granada y de Jaén. En cambio abunda en el noroeste de la península, del Tajo arriba, por tierras de León, Portugal y hasta de Galicia. Cerca de Canarias, se encuentra también en las islas de la Madera.»<sup>(39)</sup> (FIG. 58).

58 — Coberturas caídas em San Bartolomé, arredores de Arrecife, Lanzarote, Canárias



A utilização de pedra vulcânica nas paredes mestras das construções aproxima também naturalmente esta arquitectura da das ilhas da Madeira e Açores, bem como um outro sistema também muito difundido nos três arquipélagos, o já referido conjunto lareira-forno-chaminé (FIG. 59). Numa terceira investigação mais aprofundada <sup>(41)</sup>, José Perez Vidal refere-se a este último aspecto: «No parece sino uno de tantos casos de cruce o contaminación cultural que se dan en los tres archipiélagos atlánticos [...] en que la cocina de poyo y horno se encuentran [...] a ellas llegó la cocina baja, patriarcal, de las tierras del Norte, y, por otro lado, la cocina de hogar alto de las tierras bajas y cálidas del Sur. Y como resultado de este encuentro y de la acción del clima debió de surgir el tipo híbrido tan característico de las mismas [islas].» E, noutra passagem: «En las cocinas en que existe horno, éste se halla, por lo general, en la misma pared del fondo, con la boca abierta sobre el poyo, y el cuerpo hacia el exterior de la casa (La Palma, Lanzarote Gran Canaria).» Trata-se claramente da mesma tipologia formal e funcional que já descrevemos para a casa saloia.

Falando também da localização da cozinha no conjunto da casa, Vidal refere, sobre a casa «terrera» («terreira» ou «térrea», mais uma palavra de origem lusa) <sup>(41)</sup>: «En Canarias, aunque no falta la cocina bajo el mismo techo y con puerta sólo al terrero en la casa de tres habitaciones principalmente en casas muy antiguas, ha predominado la cocina en cuerpo aparte.» Aqui se sente uma diferença assinalável com a casa «salonia» (mas não com as das outras ilhas, pois tanto nos Açores como na Madeira a cozinha separada também ocorre frequentemente).

A casa térrea tem de resto origem controversa, surgindo aqui as únicas referências directas dos estudiosos espanhóis aos saloios: «El profesor Giese sostiene que la casa rural canaria procede del tipo celta existente en Galicia y en Portugal. Pérez Vidal refuta esta hipótesis, pero supone que la casa canaria de un solo piso, con una estancia-dormitorio y cocina y establo separados, puede obedecer a un tipo de caracter meridional [...]» <sup>(38)</sup> «La casa terrera cae, más bien, dentro del otro gran grupo, que se extiende, por todo el sur, desde Valencia y Murcia hasta Andalucía y La Mancha, y, más adelante, hasta el sur de Extremadura, el Algarbe, Alentejo, Ribatejo y el territorio de los Saloios, en la Extremadura portuguesa». <sup>(41)</sup>»



59 — Casa com anexo com forno, em San Domingos de Garafia, Ilha de la Palma

## As tipologias canárias de expressão saloia

Concluindo, a influência portuguesa na arquitectura vernácula das Canárias (sobretudo em Gomera, La Palma, Tenerife, Gran Canaria e Lanzarote, sobre as quais há mais referências), terá sido geral e intensamente exercida por artífices sobretudo de origem madeirense e principalmente entre os séculos XV e XVII. A tradução dessa influência fez-se tanto no domínio urbano como no quadro rural, e é assinalável sobretudo por temas construtivos e formais como o tipo de alvenarias e caiação (com as faixas emoldurando cunhais e vãos), os sistemas de cobertura (com as típicas quatro águas) e os sistemas de cozinha com forno na lareira (FIG. 60). Pode portanto dizer-se que em geral esta influência assumiu um carácter mais morfológico do que tipológico ou, por outras palavras, incidiu ou perdurou mais em formas e processos construtivos do que na organização dos espaços de habitar (onde o papel do pátio interior de conotação andaluza é sistemático, sobretudo se referenciado ao contexto urbano).

Uma investigação sistemática efectuada pôde confirmar as múltiplas variantes desta influência, cujos vestígios actuais parecem concentrar-se mais em Lanzarote, Tenerife e La Palma (não foram visitadas Hierro e Gomera): são os telhados múltiplos das casinhas térreas de Puerto de la Cruz, a lembrar de imediato os de Tavira; são os constantes contornos de suave sanqueado das coberturas mais antigas (sempre de quatro águas) de Santa Cruz de La Palma, são ainda os ambientes urbanos de La Laguna, Garachico (Tenerife) ou Los Llanos (La Palma) a lembrar os Açores.

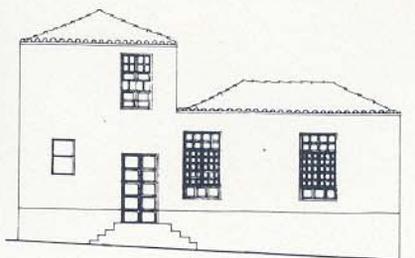
Mas interessa aqui sobretudo referir os temas que evocam ou se relacionam directamente com a casa da região saloia; ora esses temas surgem concentrados em três áreas do arquipélago: as casas torreadas de carácter urbano, em La Palma (Los Llanos de Aridane e Santa Cruz) e em Tenerife (Puerto de la Cruz) (FIGS. 61 E 62); e as casas rurais de Lanzarote. Quanto às primeiras, se a modulação dos corpos construtivos (com os volumes aquadrados de 5 m de lado) e o tipo de coberturas (as fatais quatro águas sanqueadas) as referem directamente a idênticos volumes da Madeira, e por essa via à região saloia, já a tipologia dos espaços (com a cozinha ao fundo do pátio) e o desenho dos vãos (com largo peito de madeira) os remetem para um tipo híbrido de influências múltiplas.



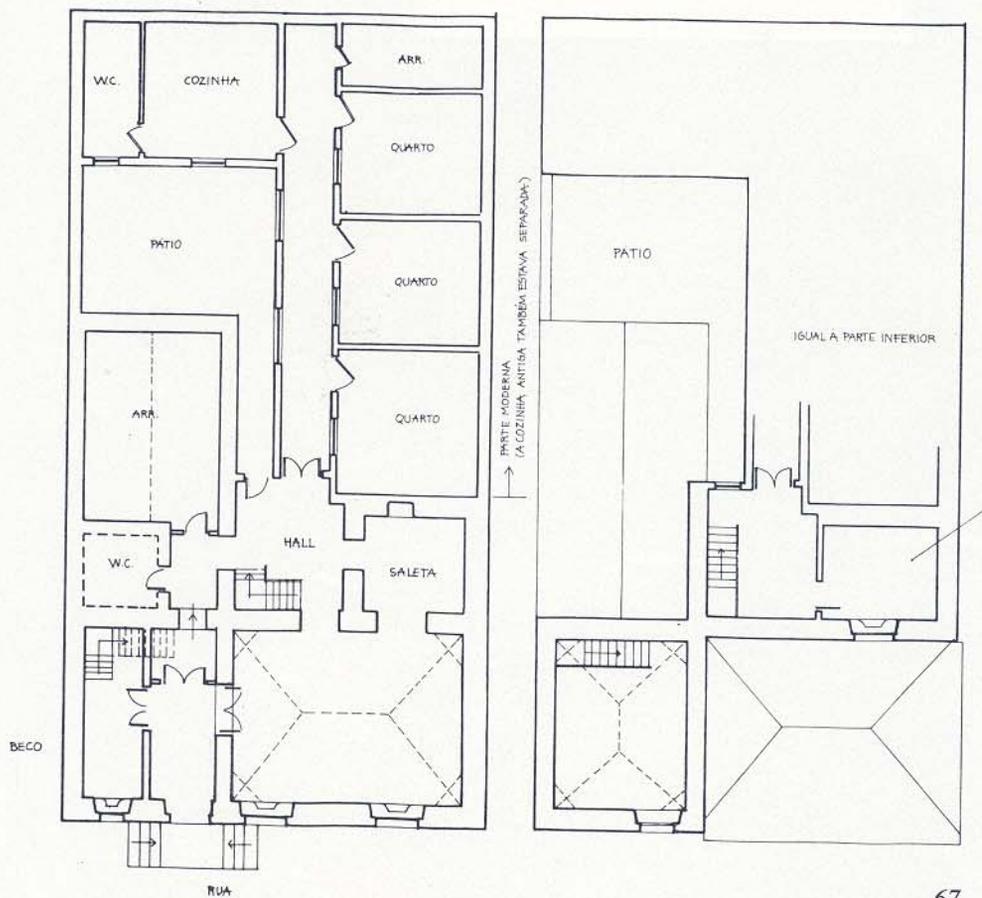
60 — Forno acoplado, com chaminé, nos arredores de Los Llanos, Ilha de la Palma, Canárias



61 — Casa urbana torreada em La Orotava, Tenerife, Canárias



62 — Levantamento de casa urbana torreada na calle de la Hoya, Puerto de la Cruz, Tenerife, Canárias

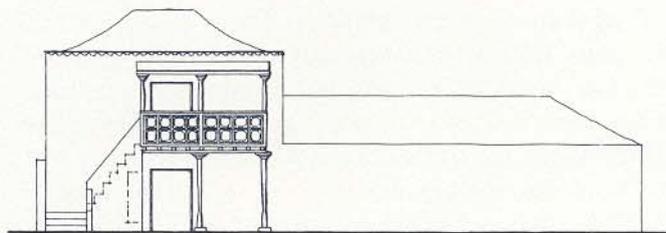
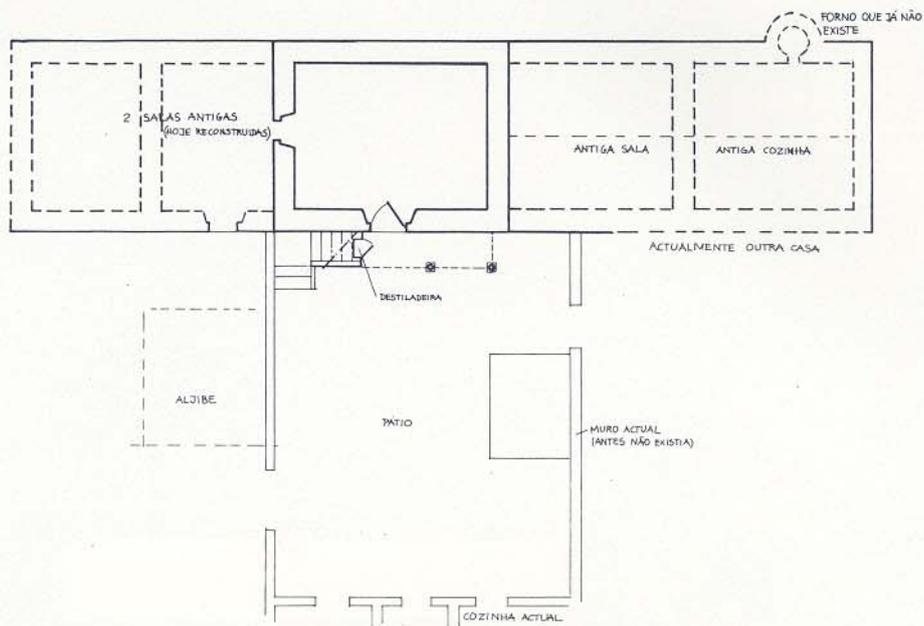




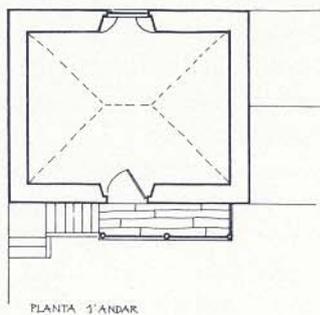


É em Lanzarote que surgem as únicas construções claramente análogas às dos casais saloios, pela tipologia, pelas dimensões, pelas formas. Em San Bartolomé (FIGS. 63, 64 E 65), nos arredores de Arrecife, a capital, um forte volume torreado com quatro águas, virado para um pátio com portal, apresenta uma cobertura em que «las tejas aparecen sustituidas por argamasa exteriormente enjalbegada»<sup>(41)</sup>, ou seja, com quatro planos oblíquos de superfícies lisas e caiadas.

Embora muito degradado e alterado por construções recentes, foi possível reconstituir a localização da cozinha e forno (térreos, ao lado do torreão), dando assim o sentido global à peça; o seu aspecto mais notável, que o torna variante original dentro do tipo, para além das dimensões e cobertura, é o balcão em madeira exterior, formando um alpendre coberto no topo da escada, por onde se entra num enorme quarto, confirmando mais uma vez as afirmações de Vidal: «El segundo piso de las pocas casas rurales de Lanzarote que lo tienen se reduce a uno o dos cuartos o habitaciones, recibe el nombre de 'sobrado' y se emplea más como dormitorio que como granero. Se sube a él por una escalera exterior.»<sup>(41)</sup> De ressaltar, a propósito deste texto, a mesma designação que o estudo de Joaquim Fontes antes citado já empregara para o tipo 2 de casa saloia (o «sobrado»), bem como o carácter excepcional deste tipo de casa naquela ilha, que apresenta relevos muito baixos e suaves, e onde assim a casa se «afirma», mais uma vez, como no campo sintrense ou na planura mariense, pela sua presença isolada e vertical de «habitante do deserto».



8m



64 — Levantamento da casa da página seguinte



65 — Vista da mesma casa, do lado do pátio interno

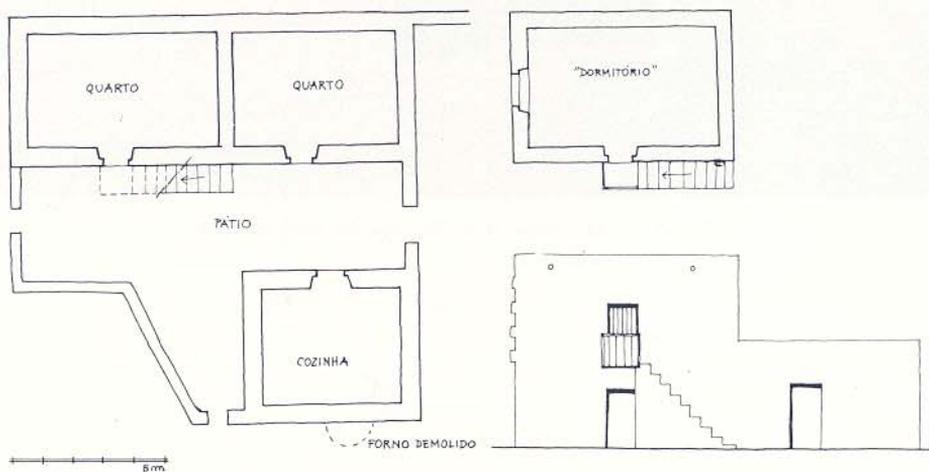
Outras edificações semelhantes surgem em Teguisse (antiga capital no interior de Lanzarote) e em Yaiza, no extremo poente, sempre apresentando com uma série de corpos anexos em L e formando um pátio lateral murado em dois dos seus lados (FIGS. 68 E 69).

Este tipo de casa parece ter evoluído para uma outra em que o volume de dois pisos tem apenas uma cobertura em terraço, horizontal. A maior variação de dimensões desse corpo nos diversos exemplos analisados (sobretudo em Teguisse e Tinajo) (FIGS. 66 E 67), bem como as referências de Pérez Vidal, confirmam-no como modalidade mais recente da mesma tipologia: «La cubierta de las casas antiguas de Lanzarote es de teja curva. La de las casas modernas es de terrado o azotea.» (41)



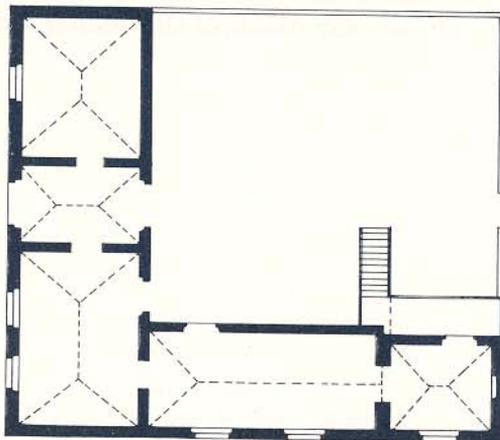
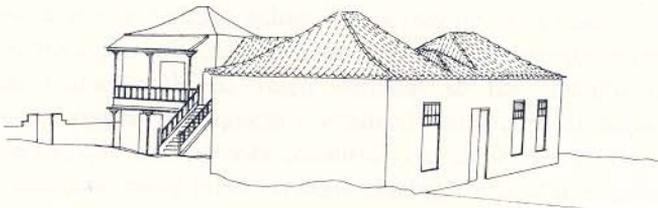
66 — Casa torreada com terraço superior em Teguisse, Lanzarote, Canárias

67 — Levantamento da mesma casa





68 — Vista da parte torreada da casa cujo interior se mostra na foto 57 — note-se o «balcão» justaposto, de acesso ao piso superior



69 — Levantamento esquemático da casa anterior

— 25 m —



## OUTRAS ÁREAS

Outras linhas de influência ou de relação tipológica poderão ainda ser estabelecidas, a partir da casa salaia dos arredores de Lisboa, quer com os corpos torreados da arquitectura urbana da América espanhola (por exemplo em Havana, Cuba, onde de resto também se foi fixando significativa comunidade de origem portuguesa e canária), quer com as casas térreas da área africana (de que Cabo Verde constitui área tipológica de transição). Por agora foi a dimensão norte atlântica desta tipologia que se pretendeu explicitar, como mais uma original contribuição da cultura arquitectónica de raiz portuguesa no seu processo de expansão pelo mundo.

Maio/Junho de 1987  
*Maria de Lurdes Janeiro*  
*José Manuel Fernandes*  
(arquitectos)



## NOTAS

(1) 1.<sup>a</sup> ed. do Sindicato Nacional dos Arquitectos, Lisboa, 1961; 2.<sup>a</sup> ed. da Associação dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 1980.

(2) In *Apontamentos para a História dos Bens da Coroa e dos Forais*, 1843-1844, citado por Pedro de Azevedo (in *op. cit.*), e *História de Portugal*, vol. I, citado por Leite de Vasconcelos (in *op. cit.*).

(3) In *A Extremadura Portuguesa*, 1908, dois vols. (cota BNL/HG 6205 6A):

(4) In «Os saloios (ma Extremadura cistagana)», *Revista Lusitana XXXVII*, Lisboa, 1939, pp. 271-299 (cota BNL/J 2497 B), também publicado com algumas alterações in *Etnografia Portuguesa* (vol. IV).

(5) In *O Saloio — Fisiologia, Psicologia, Etnografia*, por João Paulo Freire (Mário), Porto, 1948, onde o autor critica em pormenor a obra anónima *Fisiologia do Saloio*, de 1858 (cota BNL/L 8491 P).

(6) In *Introdução e Teoria da História da Literatura Portuguesa*, Porto, 1896, e *Pátria Portuguesa*, Porto, 1894, citados por Mendes Correia (in *op. cit.*).

(7) In *História da Civilização Ibérica*, 5.<sup>a</sup> ed., Lisboa, 1909, citado por Mendes Correia (in *op. cit.*).

(8) In «Os Berberes e os povos peninsulares», revista *A Águia*, órgão da Renascença Portuguesa, vol. X, 2.<sup>a</sup> série, Porto, 1916, pp. 94-104 e 169-177 (cota BNL/J 2223 B).

(9) In *Os Reguengos da Extremadura na 1.<sup>a</sup> Dinastia*, revista da Universidade de Coimbra, XI, 1933 (cota BNL/J 2633 B ou J 2508 B).

(10) In «Identidade das duas margens: dos Saarois aos Belenenses», texto policopiado para *Encontros à Esquina*, ed. do Centro Nacional de Cultura, Lisboa, 1982.

(11) In «O termo de Lisboa», *Revista Municipal*, ano I, n.º 4, 1940, pp. 11-22, também publicado em *Dispersos*, Biblioteca de Estudos Olisiponenses, vol. I, Lisboa, 1968.

(12) A propósito do livro anónimo *Fisiologia do Saloio*, diz Leite de Vasconcelos na obra citada na nota (4): «a mencionada *Fisiologia* descreve o entusiasmo deles, aí por 1858, com os círios da Senhora da Nazaré e da Senhora do Cabo [...]».

(13) J. L. B. da Câmara, in *Fanhões, Comunidades Portuguesas*, Lisboa (cota BNL/SC 35779 V).

(14) In *Coisas Árabe-Portuguesas*, boletim da 2.<sup>a</sup> classe da Academia das Ciências, vol. X, 1916, Agosto-Setembro, pp. 880-883 (cota BNL/PP 10 V).

(15) Palavra usada por Lúcio Costa in «Aspectos da arquitectura em Portugal no século XVIII», texto de Mário Tavares Chicó para o catálogo *Aspectos da Arquitectura Portuguesa 1550-1950*, da Comissão Nacional Portuguesa das Comemorações do 4.º Centenário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1965-1966.

(16) «O nítido gosto pombalino» de que se fala in *Arte Popular em Portugal — Arquitectura*, por Veiga de Oliveira e Fernando Galhano, ed. Verbo, Lisboa.

(17) In *Solares Portugueses — Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, S. D. Livros Horizonte, Lisboa, 1969.

(18) F. Chueca Goitia, in *Breve História do Urbanismo*, Presença, Lisboa, 1982, e Leonardo Benevolo, in *Diseño de la Ciudad-3-El Arte y la Ciudad Medieval*, Gustavo Gili, México, 1978. Sobre a Caaba foram consultadas algumas enciclopédias-dicionários sobre o Islão.

(19) Conforme nota (13).

(20) *Almoçageme — Esboço de Monografia de Uma Povoação Rural*, dactilografado, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

(21) *Murteira, Uma Povoação do Concelho de Loures*, Lisboa (cota BNL/SC 20637 V).

(22) «S. João das Lampas, freguesia saloia do concelho de Sintra», in revista *Finisterra*, n.º 17, de 1974, comentário ao livro *In the Shadow of the City: Integration of a Portuguese Village*, ed. Columbia University, 1964.

(23) *Malveira, Uma Freguesia da Estremadura Portuguesa*, Lisboa, dissertação de licenciatura em Geografia, CEG, Lisboa.

(24) «A região de Colares», in revista *Geográfica*, n.º 24 (cota BNL/PP 11903 V).

(25) «Magoito, aspectos de uma aldeia saloia», in revista *Geográfica*, n.º 32.

(26) «Etnografia saloia — Subsídios para o seu estudo», in *Boletim da Junta Provisória da Estremadura*, 15, Lisboa, 1947, pp. 251-284 [cota BNL/CG 242 A, 9469 (05)].

(27) In *Auriverde Jornada*, Lisboa, ed. Valentim de Carvalho, 1937.

(28) Como sugeria Orlando Ribeiro em *Geografia e Civilização — Temas Portugueses*, ed. Livros Horizonte, S. D., Lisboa.

(29) In *Alguns Motivos da Arte Rústica Micaelense*, artigo da colectânea «Etnografia, Arte e Vida Antiga dos Açores», vol. 1, ed. da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1973.

(30) Conforme estudo e levantamentos realizados no 4.º ano lectivo da cadeira de História da Arquitectura Portuguesa do Departamento de Arquitectura da ESBAL entre 1978 e 1982.

(31) In *A-dos-Negros, Uma Aldeia da Estremadura*, colecção «Chorographia», ed. CEG, INIC, Lisboa, 1962.

(32) «Foram mandadas construir por Domingos Dias Machado para alojar colonos que mandara vir dos ilhéus dos Açores, donde ele próprio era natural», como se diz in *Monografia de Mafra*, por Armando de Lucena. Um levantamento do conjunto vem publicado na obra *Arquitectura Popular em Portugal*, citada em (1).

(33): In *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, de Orlando Ribeiro; *A Ilha de São Miguel*, por Raquel Soeiro de Brito, Lisboa, 1955; «Acerca da ocupação humana das ilhas portuguesas do Atlântico», por C. A. Medeiros, in revista *Finisterra*, n.º 7, CEG, 1969; ainda outras monografias consultáveis no Centro de Estudos Geográficos de Lisboa sobre as ilhas do Corvo, Graciosa e Santa Maria.

(34) Conforme os estudos de José Pérez Vidal adiante referidos.

(35) *Arquitectura Popular dos Açores*, trabalho colectivo em que os autores deste texto participaram (1982-1985, em fase de edição pela Associação dos Arquitectos Portugueses), com os arquitectos Ana Tostões, Filipe Jorge Silva, João Vieira Caldas, Nuno Barcelos, Victor Mestre.

(36) In «Subsídios para o levantamento da arquitectura popular da Madeira», *Jornal dos Arquitectos*, Lisboa, Outubro/Novembro de 1985.

(37) Conforme nota (35), estando aqui citados textos do trabalho referido.

(38) In «La huella portuguesa en el arte de las islas Canarias», por Marques de Lozoya, in revista *Colóquio*, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

(39) In «Esbozo de un estudio de la influencia portuguesa en la cultura tradicional canaria», em *Homenaje a Elias Serra Rafols*, 1, por José Pérez Vidal.

(40) In «Aportación portuguesa a la población de Canarias — Datos para su estudio», publicado in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 14, Las Palmas de Gran Canaria, 1968.

(41) In «La vivienda canaria — Datos para su estudio», publicado in *Anuario de Estudios Atlánticos*, n.º 13, Las Palmas de Gran Canaria, 1967.

## ÍNDICE

(PREFÁCIO) SALISBOIA/LISSABOIA .....	9
PREÂMBULO .....	13
INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO I — O CONTEXTO, A HISTÓRIA:	
Berberes, árabes e cristãos .....	17
Reguengos, termos e Estremadura .....	18
Saloio, pão, campo e deserto .....	22
CAPÍTULO II — A ARQUITECTURA:	
A casa — Definição .....	25
Origem da casa — Hipóteses .....	28
Morfologias arquitectónicas e materiais .....	35
Tipologias, espaço interior .....	40
A casa saloia e a sua área de implantação .....	47
CAPÍTULO III — A «CASA SALOIA» E A EXPANSÃO PORTUGUESA:	
A «casa saloia» e as ilhas atlânticas .....	49
Madeira .....	50
Açores .....	54
As Canárias e os Portugueses .....	60
A arquitectura vernácula canária e os Portugueses .....	63
As tipologias canárias de expressão saloia .....	66
OUTRAS ÁREAS .....	75
NOTAS .....	77





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO